

## PENSAMENTO SOCIAL NA LITERATURA: LOBATO, ETNIA E CONTRAPONTO

### *PENSAMIENTO SOCIAL EN LA LITERATURA: LOBATO, ETNIA Y CONTRAPONTO*

Aurora Cardoso de Quadros  
Jéssica Aparecida Souza Santos  
Aline Nunes

#### UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS

auroracardoso2010@hotmail.com, sjessicaaparecida@yahoo.com,  
alinnynunes@hotmail.com

#### RESUMO

O escritor Monteiro Lobato, que se celebrizou tanto pela sua obra literária, quanto pelo pensamento ácido e inflexível, como na crítica que fez à obra de Anita Malfatti e na caricatura do sertanejo “Jeca Tatu”, volta a chocar no ano de 2011. Dessa vez, em dimensão ampliada, a partir de reportagem da *Revista BRAVO!*, que trata da existência de cartas em que o escritor defenderia a eugenia. No intuito de investigar o pensamento do escritor, veiculado pelas cartas, e buscar reflexos desse pensamento em sua ficção, este trabalho pontua alguns aspectos das duas vertentes, ficcional e individual, buscando algumas convergências e divergências.

**Palavras-chave:** Lobato; Eugenia; Pensamento social e Literatura.

#### RESUMEN

El escritor Monteiro Lobato que se hizo célebre tanto por su obra literaria cuanto por su pensamiento ácido y inflexible, como en la crítica que hace la obra de Anitta Malfatti y en la caricatura del campesino “Jeca Tatu”, regresa a chocar en el año 2011. De esa vez, en dimensión amplia, a partir de la reportaje de la revista *BRAVO!*, que trata de la existencia de cartas en que el escritor defendía la Eugenesia. Con el intuito de investigar el pensamiento del escritor vehiculado por las cartas, y buscar reflejos de ese pensamiento en su ficción, este trabajo muestra algunos aspectos de dos vertientes, ficcional y individual, buscando algunas convergencias y divergencias.

**Palabras-clave:** Lobato; Eugenesia; Pensamiento social e Literatura.

#### INTRODUÇÃO

O objetivo de descrever conhecimentos adquiridos no percurso do estudo sobre Monteiro Lobato, em vigência na UNIMONTES, alcança neste ponto da pesquisa algumas descobertas sobre os fatores que levam o escritor a ser julgado ora negativamente, ora positivamente. Por meio da pesquisa bibliográfica, alguns fatos se relevam como elementos de reafirmação de um espírito autoritário; outros se revelam como fatos de ponderação sobre o posicionamento ideológico desse autor, que escreveu a mais vasta obra da literatura brasileira direcionada a crianças e jovens. Os registros encontrados são levantados para reflexão e debate, definindo algumas concretizações e deixando em aberto muitos questionamentos. Constatações advêm de fatos já publicados, assinados pelo autor, considerados aqui como documentos propulsores do estudo. Como exemplo, é famosa a crítica de Monteiro Lobato, intitulada “Paranóia ou Mistificação”, de repúdio à arte de Anita Malfatti. Também o Jeca Tatu tornou-se famoso como uma espécie de metáfora pejorativa do homem do campo. Este é retratado por Lobato como a causa do atraso brasileiro, identificando-se nele a preguiça, a mesquinhez e a incompetência.

Acresce-se a isso a polêmica revivada no ano de 2011, a partir de reportagem da *Revista BRAVO!*<sup>1</sup>, que relata a releitura de cartas de Monteiro Lobato enviadas a alguns destinatários, em que ele elogia a eugenia, esta que consiste em um dos fatores que resultaram no nazismo e na chacina durante o governo de Hitler. Para que se possa entender melhor o significado do termo e a visão dos seus opositores, toma-se como base a acepção segundo a qual a eugenia é entendida “como conjunto de idéias (*sic*) e práticas relativas ao ‘melhoramento da raça humana’ ou, como definida por um dos seus seguidores, ao ‘aprimoramento da raça humana pela seleção dos seus genitores tendo como base o estudo da hereditariedade’”.<sup>2</sup> Além dessa conceituação, torna-se importante a definição do seu foco nos aspectos tanto físico como mental, o que revela, segundo o mesmo estudo, a vulnerabilidade do caráter pretensamente científico da eugenia, por esta se pautar pela discriminação e racismo.

Nessa orientação, Lobato é visto como reprodutor do discurso do poder e do preconceito racial, além de defensor de pensamentos nazistas cujo ideal seria o “melhoramento” seletivo da natureza humana. Retroagindo, o escritor Monteiro Lobato volta a chocar, na referida reportagem. Portanto, diante do mote de investigar ocorrências dessa natureza no pensamento do escritor, como o veiculado pelas cartas, busca-se entender o próprio pensamento e os possíveis reflexos em sua ficção. Pontuam-se, por conseguinte, alguns pontos de embate entre as duas vertentes, ficcional e individual, buscando-se convergências e divergências.

Para se entender o embate fermentado, principalmente pela publicação das cartas, e em favor da clareza do raciocínio, talvez seja profícuo dividir em duas vertentes as ocorrências tomadas para reflexão: de um lado, a expressão literária ou sobre a arte; por outro, o pensamento do intelectual, no ângulo em que aborda os fatos relacionados às relações humanas, ao desenvolvimento do homem, à ciência e ao sistema social. O discurso contra a arte de Malfatti e o sarcasmo com que se lança

<sup>1</sup> NIGRI, André. Monteiro Lobato e o racismo. In: *BRAVO!*, São Paulo, n. 165, p. 24-33. Editora Abril, maio de 2011.

<sup>2</sup> MACIEL, Maria Eunice de S. **A Eugenia no Brasil**. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/anos90/article/viewFile/6545/3897>, p. 121. Acesso em: 26 de Julho, 11h 24min, p.121.

contra o “Jeca”, bem como outras produções artísticas ou sobre arte enquadram-se, *grosso modo*, na primeira vertente. Essas, ainda que ficcionais, já implicam, por si mesmos, o peso da influência nociva para o imaginário de indivíduos em formação, propagadores em potencial das experiências adquiridas e dos valores assimilados. Porém possui uma distinção. A transmissão de valores é, de certo modo, menos comprovável imediatamente. Contudo, mesmo sendo sua natureza inerente a uma dimensão mais abstrata que concreta, ou seus efeitos serem perceptíveis, geralmente, apenas em mais longo prazo, é certo o prejuízo trazido por meio do julgamento arbitrário ou das visões obtusas. São comprováveis, de modo geral ou particular, pela observação científica dos seus efeitos, pelas teorias, pela história e mesmo pela observação constante e criteriosa da prática diária. Entretanto, torna-se uma questão real de influência social. Já a configuração eugênica de Lobato, expressa pela linguagem da denotação sobre a sociedade e sobre a humanidade, define um espírito que alveja diretamente o cerne da vida em sociedade e reproduz explicitamente o discurso cujas decorrências e fontes podem ser comprovados concretamente pelo testemunho da História. Isso devido a dimensão bombástica das suas consequências, remetendo a memória, principalmente, aos horrores da Segunda Guerra Mundial e às bases das mentes doentias que a motivaram.

Nesta última vertente se enquadra as correspondências pessoais de Monteiro Lobato. Ambos convergem no teor autoritário, em que predomina a essência, se não invariavelmente colérica, quase sempre preconceituosa e de manifesta fragilidade científica. Sob essa ótica, ambas as vertentes se identificam, uma vez que a maneira de dizer, de um modo ou de outro, decorrem da maneira de ser. De modo sucinto e inicial, por essas e ainda outras elaborações polêmicas revisitadas de Monteiro Lobato, vem à luz esse traço controverso do indivíduo.

## NEGRINHA, UM CONTRAPONTO

Para não criar o engano de um percurso tão radical quanto os focos comentados, alguns ponderadores são dispostos aqui de forma a abrir espaço ao diálogo e tentar mostrar os ângulos dos conhecimentos adquiridos. Se, por um lado, considera-se pertinente à crítica à fragilidade de aspectos da produção de Monteiro Lobato, por outro lado, mais tarde, em momentos distintos, Lobato mostra-se flexível e se redime do discurso contra a obra de Malfatti. Na literatura também se retrata, numa espécie de *mea culpa*, da referência pejorativa que faz ao Jeca Tatu. Tal atitude pode modificar a impressão do leitor sobre sua escrita. Também, com relação ao pensamento da discriminação, expresso em sua arte literária, há um ponderador no fato de sua obra apresentar algumas construções cuja linguagem projeta-se como repúdio ao racismo, a exemplo do conto “Negrinha”<sup>3</sup>, datado de 1923. O conto é buscado neste estudo por ter se revelado pela presente pesquisa a principal base dos argumentos que contestam a acusação de racismo contra o intelectual Monteiro Lobato. Em vários sites encontram-se opiniões que podem traduzir o argumento diante dos críticos do escritor, interpelando para que “Leiam o conto ‘Negrinha’, de Monteiro Lobato, e verão que o autor nunca foi

<sup>3</sup> LOBATO, Monteiro. Negrinha. In: *Negrinha*. São Paulo: Brasiliense, 2007, p. 21-28.

racista.”<sup>4</sup>. Se o texto constitui uma prova da natureza não racista do autor, se tal ideia faz parte do senso comum ou de opiniões isoladas em torno do assunto, não é o foco em questão, pois, até então, trata-se de um dado menor em relação à grandeza dos seus contrários. O que ressalta na história desse conto específico é, realmente, uma atitude que se sensibiliza pela percepção da iniquidade contra desprivilegiados. Trata-se da história de uma criança negra, marginalizada e maltratada em uma casa abastada. Na linguagem do conto subjaz, ao mesmo tempo da compaixão com a menina, uma denúncia irônica à atitude de indivíduos cuja ação esconde a hipocrisia da sociedade burguesa, sob o signo do cristianismo. Os acontecimentos, sucedidos a uma criança, comovem e revelam o despropósito da rejeição e da marginalização, muitas vezes mascaradas como caridade.

O efeito estético da escrita de “Negrinha”, de modo simultâneo, emociona o leitor, promove a crítica, e lembra maldades que a história relata contra órfãos de pais e todo indivíduo marginalizado. A arte, nessa configuração, evoca uma visão libertária, de valores humanos, e provoca a reflexão a respeito de costumes do Brasil. Ao introjetar o sofrimento do oprimido, estabelece a relação múltipla entre pessoa/personagem, abarcando a dor do desprivilegiado e trazendo à tona as implicações contextuais, em que a causa socialista congrega-se na relação entre ele, o leitor e o centro da leitura. A menina chamada de “Negrinha”, poderia ser espelho de todo flagelo resultante das desigualdades entre os homens. Mas alguns conflitos discursivos, mesmo em contos como este, podem ser percebidos em forma de desarmonia quanto à coerência da expressão humanitária pretendida pela palavra. Por isso, beneficia-se o pensamento sobre a sociedade brasileira e seus ícones intelectuais na medida em que evolui rumo a conhecer melhor a natureza da produção do escritor Monteiro Lobato, investigando algumas construções ficcionais ou teóricas, registros, constructos e relações para entender a coerência ou incoerência na conduta da sua expressão. Assim, diante de um cenário social que amadurece seus métodos e conceitos, a ficção torna-se, cada vez mais, objeto de estudo do homem e seus modos, uma vez que o produtor consiste em ser social, cabeça pensante, que influencia e é influenciado pelo contexto.

## **REGISTROS E INDÍCIOS SOBRE O PENSAMENTO DE MONTEIRO LOBATO**

A atitude do escritor Monteiro Lobato, como um ser real e representante da intelectualidade brasileira, como se esboçou e se avançará em argumentos, revela uma trajetória com vários episódios e ideias, por vezes, reveladores do espírito autoritário, conservador e radical. Do ponto de vista didático, podem-se selecionar como pontos exemplares o discurso de repúdio à obra de Anita Malfatti, já amplamente conhecido, as cartas revistas recentemente, que defendem a eugenia, e trechos da sua literatura, considerada racista, inclusive pelo Conselho Federal de Educação. A polêmica recente, fermentada pela inspeção de suas cartas, não deveria surpreender tão demasiadamente, uma vez que outros episódios revelam a extravagância da sua personalidade. Como exemplo, as palavras que articularam sua crítica a respeito da inovadora exposição da pintora Anita, em 1917, foram tão extremas que levaram a artista a um constrangimento

---

<sup>4</sup>Opinião atribuída a “Suzana Lopes”. Acesso em 02/04/2014. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/maicontenfen/2010/11/09/literatura-racista>.

traumático e acarretou na mesma uma reclusão difícil de superar. As cartas, no entanto, confirmam-lhe a coerência do pensamento rígido e implacável, e fazem aumentar a perplexidade diante desse que incomodou o posicionamento libertário dos progressistas e modernistas na época da exposição de Malfatti. Assim, reafirma-se que a atuação do escritor não se torna polêmica apenas a partir das cartas recentemente trazidas a debate. Já em carta a Godofredo Rangel, constante na obra *A barca de Gleyre*<sup>5</sup>, nos anos 1920, o autor refere-se antecipadamente a outra obra, *O presidente negro*, que publicará, dizendo que o romance trata da eleição de um presidente negro, que, entre vários problemas acarretados pela sua eleição, por fim, é vencido pela inteligência da raça branca.

Com relação ao pensamento pessoal, ou seja, fora da ficção e explicitamente eugênico, André Nigri, na *Revista BRAVO!*, retoma o assunto, na reportagem que apresenta trechos que revelam o ideal de “purificação da raça”, em cartas de Lobato a alguns interlocutores. As correspondências encontram-se nas fundações Oswaldo Cruz e Getúlio Vargas, e no Instituto Biológico de São Paulo. Nelas, percebe-se pela reportagem, que o pensamento racista é evidente e o discurso assustador. Observam-se, por exemplo, trechos de cartas enviadas ao médico Arthur Neiva, em que Lobato, em paralelo com as tendências do médico, defende a Ku Klux Klan, organização americana de segregação, que levantava, entre outras, a bandeira do racismo e da “purificação da raça”, e que caçou e matou, por exemplo, muitos negros libertos após a Guerra Civil Americana. Nessa vertente, a justificativa da entidade americana era prevenir-se contra possíveis direitos civis que os negros poderiam adquirir. A partir do pressuposto de superioridade da raça branca, julgava evitar uma consequente contaminação do branco pelo negro.

Outro destinatário de cartas de Lobato é o cientista Renato Kehl, adepto assumido da eugenia, ciência que estuda os fatores sociais que prejudicam ou contribuem para a preservação da “pureza racial branca”, elevando-a em primazia sobre as demais. Ou seja, trata-se de um racista, o qual escreveu várias obras sob a égide da eugenia. Dentre suas ideias, encontram-se a defesa e a justificativa da esterilização de indivíduos classificados, em ótica obtusa, como degenerados, anormais, portadores de problemas físicos ou mentais. A inspiração desse posicionamento nasceria da chamada “eugenia negativa”, que consiste em julgar como inferiores certos indivíduos e, por isso, estudar as possibilidades e formas de esterilizá-los, proibindo-os de se reproduzirem. Dispensável é detalhar o que mentes com essa orientação podem provocar, uma vez que a repercussão dos seus absurdos, como o holocausto, ainda ecoa e choca o mundo como exemplo desastroso do pensamento mais insano. E, independente de qualquer base de racionalidade ou conhecimento científico aprofundado, a influência abarcou povos, evidenciando o alemão, que aderiu às suas causas, resultando na chacina que posteriormente foi descortinada ao mundo.

Ainda em relação ao radicalismo lobatiano, volta-se para seu discurso “Paranóia ou mistificação?”, publicado por ocasião da exposição de Anita Malfatti, em 1917. Mário da Silva Brito, referindo-se ao escritor e a jovem pintora, diz que o artigo que “a faria sofrer profundamente, traumatizando-a para o resto da vida, apareceu em ‘O Estado de São Paulo’, edição da noite, a 20 de dezembro de 1917 e traz como assinatura suas iniciais.”<sup>6</sup> Lobato relaciona a arte da pintora à caricatura, e elenca termos

<sup>5</sup> LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

<sup>6</sup> BRITO, Mário da Silva. *História do Modernismo Brasileiro. Antecedentes da Semana de Arte Moderna*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 52.

associados com insanidade, paranoia, incompetência, anormalidade. Compara a arte dos grandes gênios clássicos, citando nomes como Rafael, Rodin, Dürer, Zorn, com “outra espécie”, na qual enquadra a jovem pintora. Diz ele:

A outra espécie é formada dos que veem anormalmente a natureza e a interpretam à luz das teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos da cultura excessiva. São produtos do cansaço e do sadismo de todos os períodos de decadência; são frutos de fim de estação, bichados ao nascedouro. Estrelas cadentes, brilham um instante, as mais das vezes com a luz do escândalo, e somem-se logo nas trevas do esquecimento.<sup>7</sup>

Segundo Mário da Silva Brito, “Lobato foi cruel, além de incapacitado para o mister que exercia. Anita Malfatti, jovem e pioneira, em luta com o ambiente social e familiar, precisava de estímulo e amparo”<sup>8</sup>. Na sequência, Brito revela que “Lobato declara no célebre artigo que os apologistas de Anita, por trás, pensavam como ele, também a consideravam, portanto, paranóica (*sic*) ou mistificadora”. E completa na sequência: “A perfídia era forte e demasiada, extravagante mesmo”.<sup>9</sup>

Assim, o discurso do homem Monteiro Lobato, em sua trajetória, apresenta momentos que revelam o posicionamento do sujeito, seu modo de ver, seus valores e ideias. Em meio aos fatos, é natural surgirem estudos para entendimento das bases que afirmem ou neguem o referencial dos aspectos polêmicos e as consideradas fragilidades educacionais na sua escrita. Tomando como ponto de partida as ocorrências aqui referidas, a diretriz que parece conveniente é de cautela, pois o papel da escola deve ser tornar o mundo melhor e mais igualitário, não discriminatório e opressor. Isso pode realmente indicar um perigo para a formação do caráter do leitor, sobretudo, em se tratando do aprendiz infantil ou juvenil. Conseqüentemente, o status da ficção lobatiana, antes consagrada em um espaço de alto valor, modifica-se, dando lugar a uma desconfiança e preocupação, sobretudo dos agentes da educação.

A polêmica já gerou afirmações de inquestionável cabimento. Há passagens fragilizadas pela abordagem aparentemente racista e preconceituosa. Um ponto sempre debatido gira em torno da representação da personagem Tia Anastácia, frequentemente trazida à luz pelos estudiosos da qualidade da obra para crianças. O referido artigo de *BRAVO!* lembra que a obra foi contraindicada por ser considerada disseminadora do preconceito racial, por comparar a personagem com macaca, referir-se à mesma como negra, apresentando a cor como sua identificação primeira etc. Em outras produções, como na obra *Histórias de Tia Anastácia*<sup>10</sup>, por exemplo, as estórias contadas pela personagem Anastácia é descrita por Emília com atributos pejorativos, atacando-se tanto o teor das estórias como a personagem que as conta. Com relação ao primeiro, ao teor das estórias narradas pela personagem, a boneca afirma que são desagradáveis, sem graça, caracterizando-as pelo barbarismo e grosseria. Anastácia é caracterizada pela cor e pelos lábios, sempre tratados por beijos e relacionados à cor, diminuindo-lhe o valor

<sup>7</sup> (*apud* Brito, 1978, p.53)

<sup>8</sup> Brito, 1978, p. 60

<sup>9</sup> Brito, 1978, p. 61

<sup>10</sup> LOBATO, Monteiro. *Histórias de Tia Anastácia*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

por possuir tais atributos. A única utilidade que a boneca atribui às narrativas de Tia Anastácia é servirem para se estudar a ignorância das pessoas consideradas inferiores.

Também na ficção do escritor, temos o Jeca Tatu, personagem que Monteiro Lobato representara como uma alimária da nação, um parasita, a causa do atraso do país, caracterizado, de modo central, pela preguiça. Em “Urupês”<sup>11</sup>, conto em que Lobato cunha a figura do Jeca, a imagem do caboclo, independente da referência étnica ou social geográfica, é apresentada por meio da depreciação, sempre justificando seu comportamento pela lei do menor esforço. Percebe-se o racismo manifesto e evidenciado em pontos como quando diz que “entre as raças de variado matiz [...] uma existe a vegetar de cócoras, incapaz de evolução, impenetrável ao progresso. Feia e sorna, nada a põe de pé.”<sup>12</sup> Numa crítica ácida e tenaz de vários aspectos da vida do Jeca Tatu, a descrição da sua mente e das suas atitudes revelam um homem mesquinho e destituído de inteligência. Percorrendo a pobreza da sua moradia, associa-a à mente do caboclo, comparando os parcos objetos do casebre aos conhecimentos e raciocínio da sua mente: “O mobiliário cerebral do Jeca, à parte o suculento recheio de superstições, vale o do casebre”. Entre caracterizações das mais depreciativas, em que se refere ao Jeca ocioso, que diante de alguma necessidade de esforço, esmorece, “coça a cabeça e cuspilha”, conclui: “...o caboclo é o sombrio urupê de pau podre a modorrar silencioso no recesso das grotas. Só ele não fala, não canta, não ri. Só ele, no meio de tanta vida, não vive...”.<sup>13</sup> Tudo isso já é suficiente para não deixar dúvidas a respeito do impulso pouco apurado do escritor, revelando-lhe as tendências, fato explicado por Walter Benjamin, ao tratar da relação entre a tendência política do escritor e sua obra, vincula a qualidade da sua escrita ao seu posicionamento no âmbito social. Diz ele que “A situação social contemporânea o força [o autor] a decidir a favor de que causa colocará sua atividade. O escritor burguês que produz obras destinadas à diversão, não reconhece essa alternativa. Vós lhe demonstrais que, sem o admitir, ele trabalha a serviço de certos interesses de classe”<sup>14</sup>.

Mas, aparentemente como ponto de mudança dessa diretriz, uma configuração diferente acontece na curta narrativa, intitulada “Negrinha”. Lobato sensibiliza o leitor com o relato sobre a vida de uma menina negra, órfã, que é maltratada cruelmente por uma senhora branca e abastada. Impossível ler a bela e triste narrativa e não ser arrebatado pela sensibilidade e o olhar crítico sobre o racismo. “Negrinha” torna-se uma leitura de inevitável introjeção, logo no início do relato:

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados. Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças. Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu.<sup>15</sup>

<sup>11</sup> LOBATO, Monteiro. Urupês. In: *Urupês*. São Paulo: Globo, 2007, p. 166-177.

<sup>12</sup> ML. *Urupês*, 2007, p. 168.

<sup>13</sup> *Urupes*, p. 177.

<sup>14</sup> BENJAMIN, Walter. O autor como produtor. In: *Magia e técnica, Arte e política*, p. 120.

<sup>15</sup> ML. *Negrinha*, p. 21.

A ironia já se pressente nas primeiras linhas e percorre toda a narrativa. O dito traz as cenas repletas de crueldades, enquanto a voz que subjaz revela as máscaras, evidenciando a dubiedade do que é tido como inferior ou superior, a vulnerabilidade da instituição religiosa e das suas crenças, da burguesia e seus valores. A indignação diante da injustiça é o sentimento que envolve a leitura. Sabendo ser de Monteiro Lobato, a associação que se faz é de um autor de nobres e igualitários sentimentos, que se sensibiliza com as injustiças contra a frágil criança e, por meio da indignação do leitor, desperta-o para o problema. Que chama a atenção para subjetividades e valores cristalizados e naturalizados socialmente e desestabiliza o estado de comodidade das suas justificativas e modos. Os carolas que se utilizam da religião para produzir uma imagem de bondade e garantir privilégios espirituais são postos em confronto, pois o foco se desloca para o lado geralmente escuro, diminuído, invisível mesmo. A referência à patroa sempre ocorre de modo pejorativo, beirando o sarcasmo: “A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos — e daquelas ferozes, amigas de ouvir cantar o bolo e estalar o bacalhau”. Não se adaptava à abolição e a “essa indecência de negro igual a branco e qualquer coisinha: a polícia! ‘Qualquer coisinha’: uma mucama assada ao forno porque se engraçou dela o senhor; uma novena de relho porque disse: ‘Como é ruim, a sinhá!’ ...”<sup>16</sup>

Mais adiante, o autor reforça a relação e o valor da senhora no ponto de vista da igreja. “Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma — “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo”<sup>17</sup>. O tratamento dispensado à criança é construído por meio de episódios mesclados pela ira e intolerância, chutes e cocres, e a menina nada mais era que um estorvo:

Ótima, a dona Inácia. Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva. Viúva sem filhos, não a calejara o choro da carne de sua carne, e por isso não suportava o choro da carne alheia. Assim, mal vagia, longe, na cozinha, a triste criança, gritava logo nervosa:

— Quem é a peste que está chorando aí?

Quem havia de ser? A pia de lavar pratos? O pilão? O forno? A mãe da criminosa abafava a boquinha da filha e afastava-se com ela para os fundos do quintal, torcendo-lhe em caminho beliscões de desespero.

— Cale a boca, diabo!

No entanto, aquele choro nunca vinha sem razão. Fome quase sempre, ou frio, desses que entangem pés e mãos e fazem-nos doer...

Assim cresceu Negrinha — magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados. Órfã aos quatro anos, por ali ficou feito gato sem dono, levada a pontapés.<sup>18</sup>

<sup>16</sup> ML. *Negrinha*, p. 23.

<sup>17</sup> ML. *Negrinha*, p. 21.

<sup>18</sup> ML. *Negrinha*, p. 21-2.

Impossível não se sensibilizar com sofrimento da menina de corpo magro e coberto de cicatrizes. O compasso da atmosfera deixa o leitor suspenso e o coração apertado. Os maus tratos vão das surras aos castigos, horas de braços cruzados, apelidos: “pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata-choca, pinto gorado, mosca-morta, sujeira, bisca, trapo, cachorrinha, coisa-ruim, lixo”<sup>19</sup>. Os olhos percorrem as palavras que se organizam para produzir os sentidos, mas é a abdução emocional que predomina no percurso da história, em um crescente que passa pelo episódio em que a menina é obrigada a engolir um ovo retirado da água fervente por ter repetido inocentemente um dos apelidos que lhe atribuíam. Depois se modifica em natureza, diante da emoção do momento quando a menina é autorizada a segurar uma boneca de crianças em férias na casa. Fica extasiada de alegria diante de objeto até então desconhecido. Destaca-se uma reflexão na narrativa:

Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma — na princesinha e na mendiga. E para ambos é a boneca o supremo enlevo. Dá a natureza dois momentos divinos à vida da mulher: o momento da boneca — preparatório —, e o momento dos filhos — definitivo. Depois disso, está extinta a mulher. Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha uma alma. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que trazia em si e que desabrochava, afinal, como fulgurante flor de luz. Sentiu-se elevada à altura de ente humano. Cessara de ser coisa — e doravante ser-lhe-ia impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava!<sup>20</sup>

A experiência com uma boneca mudara algo em sua consciência, e quando as meninas levaram o brinquedo, Negrinha, transformada, ficou tão triste que morreu:

Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono. Jamais, entretanto, ninguém morreu com maior beleza. O delírio rodeou-a de bonecas, todas louras, de olhos azuis. E de anjos... E bonecas e anjos remoinhavam-lhe em torno, numa farândola do céu. Sentia-se agarrada por aquelas mãozinhas de louça — abraçada, rodopiada.<sup>21</sup>

Percebe-se pela intensidade do trecho acima, quão grande foi o sofrimento. De imenso anestesiou-se e virou delírio. Mistura-se o sofrimento físico, o vermelho da goela remetendo ao ovo fervente que fora obrigada a engolir, com o sofrimento espiritual pela perda daquilo que se tornara divisor de águas em sua vida, que a fizera se sentir gente. Segue-se a agonia, a morte e a insignificância da mesma.

Veio a tontura; uma névoa envolveu tudo. E tudo regirou em seguida, confusamente, num disco. Ressoaram vozes apagadas, longe, e pela última vez o cuco lhe apareceu de boca aberta.

<sup>19</sup> ML. Negrinha, p. 22.

<sup>20</sup> Negrinha, p. 27.

<sup>21</sup> Negrinha, p. 28.

Mas, imóvel, sem rufar as asas. Foi-se apagando. O vermelho da goela desmaiou... E tudo se esvaiu em trevas.

Depois, vala comum. A terra papou com indiferença aquela carnezinha de terceira — uma miséria, trinta quilos mal pesados... E de Negrinha ficaram no mundo apenas duas impressões. Uma cômica, na memória das meninas ricas.

— “Lembras-te daquela bobinha da titia, que nunca vira boneca?”

Outra de saudade, no nó dos dedos de dona Inácia.

— “Como era boa para um cocre!...”

No discurso proferido pelas palavras do conto, como se observa em todo o seu percurso, portanto, parece haver um ponto de vista libertário e que se comove diante das diferenças do mundo. O relato é entremeado por exposição do pensamento da mente que narra, a qual extrapola a história, toma um distanciamento dos fatos em si para emitir a opinião sobre eles. Há um ponto em que o narrador explicita um lamento sobre a desigualdade social, que é quando a menina supõe que poderia brincar, iludida por ver o sorriso da Inácia que olhava para as sobrinhas brincando: “Mas a dura lição da desigualdade humana lhe chicoteou a alma. Beliscão no umbigo, e nos ouvidos, o som cruel de todos os dias: ‘Já para o seu lugar, pestinha! Não se enxerga?’”<sup>22</sup>

A representação do sofrimento da garota, é inegável que o efeito geral do mesmo, a partir de uma leitura, na medida do possível, horizontal, estética, é o que comove o leitor e traz à tona um misto de sentimentos que vai da indignação à mais profunda compaixão. A denúncia da injustiça conduz para a percepção do domínio da voz libertadora. A progressão que se traça movimenta potencialmente a sensibilidade, cuja tendência é intensificar-se na medida em que avança a história da criança. Nesse sentido, uma análise do pensamento do escritor encontra o tal ponto de mudança. O modo de dizer implica o modo de ser e de viver, e a observação dessa diferença propicia um conflito para a polêmica. Se Lobato era racista, como consegue, pelo conto, emocionar o leitor, que adota o sofrimento da Negrinha e sofre junto com ela? Como explicar a sensibilidade que se movimenta no conto e cria a atmosfera de despertar o olhar para o que não deve acontecer?

Fazendo uma leitura mais criteriosa sobre o conto, é possível entrever vários elementos reveladores de um discurso da distopia, ou seja, num percurso que parece libertador, que denuncia males advindos do poder dominante e dos valores socialmente cristalizados, pode-se também entrever, na mesma veia condutora da história da garotinha, um viés contrário. Como exemplo, é notório o preconceito com relação ao gênero feminino, representado de forma a reproduzir o discurso patriarcal e machista. A função da mulher toda centralizada de forma inflexível na maternidade, atinge o mais intenso peso ao dizer que a mulher se extingue após vivenciar os dois momentos divinos: um quando brinca de boneca e ensaia a maternidade; outro quando tem filhos. Impossível não estranhar a radicalismo dessa ideia. Impossível também, caso se detenha mais nas implicações desse dizer, não relacioná-lo a outros posicionamentos e fenômenos sociais que fazem com que seres humanos se julguem acima de outros e ajam conforme um conjunto de preceitos e valores naturalizados, mas cujas bases são mais preconceitos do que conceitos. Além do mais, quando se trata dos considerados

---

<sup>22</sup> Negrinha, p. 25.

oprimidos pelos discursos e costumes, é instantânea a relação que se estabelece entre as categorias de gênero, classe e “raça”, que geralmente convergem em sentido e natureza nos discursos conservadores. Assim, mesmo no conto “Negrinha”, aparentemente correto do ponto de vista político e humano, os índices que apontariam para uma utopia de igualdade social parece se desestabilizar num apuro analítico com aprofundamento. Segundo Joan Scott, “o gênero é um primeiro campo no seio do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado”.<sup>23</sup> A questão da boneca parece representar, embora pequeno, um exemplo manifesto desse fato, a ponta do iceberg para o entendimento da coerência entre pensamento e ficção de Monteiro Lobato. A mulher cuja essência se resume em procriar envolve os significados já explicados na formulação sobre os métodos que o discurso do poder assume de domínio das mentes e corpos da mulher na sociedade patriarcal.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da ótica deste estudo, e mediante relato de registros, rumo a constatações, cotejadas por este ensaio, e ante a polêmica mesmo anterior a elas, encontra-se uma elaboração em aberto, daquele que volta à berlinda. O debate torna-se ainda mais importante por se tratar de uma das maiores referências literárias da literatura infanto-juvenil brasileira: a obra do escritor Monteiro Lobato. Tomando como pressuposto a explicação do estudioso Luigi Pareyson, segundo o qual “o artista arrasta para a sua arte os seus ideais filosóficos, morais, políticos, religiosos, e, de tal forma deles impregna as suas obras, que estes assumem a função daqueles diversos valores”<sup>24</sup>, o mérito de se aprofundarem análises nesse campo não se questiona, mesmo porque, como diz o próprio Pareyson no artigo citado, a arte atua na vida. Se o autor é um ser social que é influenciado e influencia o meio em que vive, o que se oferta a um leitor em formação muito deve interessar aos formadores desse indivíduo. Assim, a literatura pode atuar na transformação social, por um lado tornando os homens melhores, mais reflexivos, mais humanos; por outro, veiculando valores que contribuem para a naturalização das desigualdades e injustiças.

Os resultados até então tendem para um trajeto paralelo com a crítica e a consideração do caráter discriminatório e racista do escritor. Compreendeu-se que o escritor Monteiro Lobato volta a polemizar, a partir de reportagem da *Revista BRAVO!*<sup>25</sup>, com a defesa da eugenia. No intuito de investigar o pensamento do escritor, veiculado pelas cartas, e buscar suas decorrências na ficção lobatiana, este trabalho pontuou alguns aspectos dessas duas vertentes, ficcional e individual, em que houve mais pontos de convergência com a ideia do radicalismo, sobre racismo e eugenia, do que de divergência, cujo exemplo citado foi o conto “Negrinha”, presente na obra homônima. Com relação a história deste conto, foi possível observar até então que, numa leitura apaixonada, o clima que envolve o leitor é de emoção e lamento, com predomínio da sublimação do sentimento de um olhar que vê injustiças sociais e se

<sup>23</sup> SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*. Nº 2, Porto Alegre: UFRGS, 1990.

<sup>24</sup> A arte e outras atividades: Luigi Pareyson: *Problemas da estética*. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p.34.

<sup>25</sup> NIGRI, André. Monteiro Lobato e o racismo. In: *BRAVO!*, São Paulo, n. 165, p. 24-33. Editora Abril, maio de 2011.

indigna com elas. Misturam-se os sentimentos de perplexidade e emoção, e o leitor é direcionado a buscar o outro, o ser maltratado que, por falsas premissas, consagradas socialmente, é considerado inferior. O estudo mostrou, até aqui, que a intenção que se estabelece entre alteridade e identidade movimenta-se no objetivo de conduzir a reação de sentir, reinventar e superar. Percebeu-se a denúncia explícita da desigualdade social. Mas, numa análise um pouco mais detida, foram identificados outros sentidos, e o discurso se revela mesclado de incongruências. A mulher, por exemplo, não é construída na mesma linha da conduta de denúncia do preconceito, mas eivada do papel construído pelo discurso patriarcal, que, no conto, se apresenta por meio da maternidade como seu último e único papel.

A associação ideológica que se percebe nas cartas de Lobato enviadas a Rangel, a Kehl e a Neiva não deixa dúvida sobre o teor racista e discriminatório, preocupando, assim, aqueles que entendem o poder da palavra numa sociedade como a brasileira, de poucos leitores críticos. Deve-se trazer a debate a questão, ponderando-a, de modo a estudar fontes documentais, linguagem, fatores, fatos, tendências e pensamentos. E, embora não se trate de uma tentativa de adesão às tendências de desqualificar todas as obras ou desconsiderar qualidades na produção do escritor, parece haver, além das constatações desta pesquisa, muitos fatos registrados, depoimentos e indícios que orientam para que haja, no mínimo, cautela na distribuição da obra do escritor. Fica, então, a proposta inicial, cujo desenrolar deverá ser de buscar apurar os critérios científicos para se avançar no entendimento do seu potencial efeito, começando por aprofundar o entendimento do seu posicionamento, pontos de vista e conceitos. E visando uma maior fundamentação sobre o valor das qualidades e fragilidades na obra de Monteiro Lobato, pretende-se investigar melhor outras produções, abrindo o espaço para novos elementos que reforcem ou amenizem a controvérsia que se levantou a seu respeito.

## REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo: “**Monteiro Lobato**”, em *História concisa da literatura brasileira*, São Paulo: Cultrix, 2001, p. 216.

BENJAMIN, Walter. **O autor como produtor**. In: *Magia e técnica, Arte e política*, p. 120-136.

BRITO, Mário da Silva. *História do Modernismo Brasileiro*: Antecedentes da Semana de Arte Moderna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1978.

LOBATO, Monteiro. **Urupês**. In: *Urupês*. São Paulo: Globo, 2007, p. 166-177.

\_\_\_\_\_. *Negrinha*. São Paulo: Brasiliense. 1956 .

\_\_\_\_\_. *A Barca de Gleyre*, São Paulo: Editora Brasiliense. 1956 2 vol.

\_\_\_\_\_. *Histórias de tia Nastácia*. Ed. Brasiliense: São Paulo. 1957.

Parecer CNE/CEB nº 15/2010.

NIGRI, André. **Monteiro Lobato e o racismo.** In: *BRAVO!*, São Paulo: Editora Abril, maio de 2011, n. 165, p. 24-33.

PAREYSON, Luigi. **A arte e outras atividades.** In: *Problemas da estética.* São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 34-38.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade.* Nº 2, Porto Alegre: UFRGS, 1990.